

IIº FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA
Lisboa, 12 e 13 DE JULHO DE 2007

**Encontro dos Jovens Investigadores em Ciências
da Linguagem**

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Av. de Berna, 26C
1069-061 Lisboa

Apoios:

Centro de Linguística
da Universidade Nova de Lisboa

Associação Portuguesa de linguística

O **Núcleo de Jovens Investigadores** reúne todos os mestrandos, mestres, doutorandos e recém-doutores do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Foi criado em Abril de 2006 com o intuito de divulgar e partilhar pesquisas e trabalhos recentes ou em curso no campo da linguística.

Neste âmbito, organizámos no dia 11 de Julho de 2006 na FCSH-UNL, o Primeiro Fórum de Partilha Linguística onde foram apresentadas as investigações em curso dos membros do Núcleo.

O **Segundo Fórum de Partilha Linguística** pretende reunir os colegas de diferentes Universidades, cujos trabalhos se relacionam com estudos sobre línguas e/ou linguagem num colóquio multidisciplinar, para dar a conhecer as suas investigações.

Programa e Resumos das comunicações

Comité Científico

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL

Professora Doutora Maria Teresa Fonseca Lino

Professora Doutora Maria Francisca Xavier

Professora Doutora Maria de Lourdes Crispim

Professora Doutora Maria Teresa Brocardo

Professor Doutor João Costa

Professora Doutora Ana Monção Fernandes
Professora Doutora Clara Nunes Correia
Professora Doutora Fernanda Menéndez
Professora Doutora Helena Topa Valentim
Professora Doutora Maria Antónia Coutinho
Professora Doutora Maria do Céu Caetano
Professora Doutora Maria Sousa Lobo
Professora Doutora Rute Vilhena Costa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Professora Doutora Ana Maria Martins
Professora Doutora Marina
Professora Doutora Armanda Costa
Professora Doutora Sónia Frota

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Isabel Margarida Duarte

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Professora Doutora Ana Cristina Macário

Universidade de Évora

Professora Doutora Fernanda Gonçalves

Université Paris 8

Professora Doutora Maria Helena Araújo Carreira

Comité de Organização

Audria Leal (FCSH-UNL)

Carla Teixeira (FCSH-UNL)

Isabel Simões Marques (Paris 8/FCSH-UNL)

Matilde Gonçalves (Paris 8/FCSH-UNL)

Quinta-feira

9H00	Recepção dos participantes
9H30-10H00	Abertura – Professora Doutora Maria de Lourdes Crispim – Presidente do CLUNL (Universidade Nova de Lisboa)
10H00-10H20	<i>A concordância sujeito-verbo em construções partitivas no Português brasileiro e no Português Europeu,</i> Mirian Santos de Cerqueira (Universidade Federal de Alagoas e FCSH-UNL)
10H20-10H40	<i>Próclise, ordem SV(O) e construções V2: o Português do Brasil no século 20,</i> Marco António Martins (Universidade Federal de Santa Catarina e FCSH-UNL)
10H40-11H00	<i>Léxico-gramática das frases fixas do Português europeu, construções intransitivas,</i> Graça Fernandes (Universidade do Algarve)
11h00- 11h20	Discussão
11H20-11H35	Pausa para café
11H35-11H55	<i>Dos géneros às práticas textuais: algumas considerações à luz da dimensão composicional dos textos,</i> Ana Caldes (FCSH-UNL)
11H55-12H15	<i>O espaço-branco como elemento semiográfico e seu papel na construção textual,</i> Matilde Gonçalves (Université Paris 8 e FCSH-UNL)
12H15-12H35	<i>A presença do discurso interativo no género textual cartoon,</i> Audria Leal (FCSH-UNL)
12h35-12h55	Discussão
13H00-14H30	Almoço

- 14H30-14H50** *O papel da plataforma geradora na organização textual dos géneros persuasivos,*
Rosalice Pinto (FCSH-UNL)
- 14H50-15H10** *Apontamentos sobre a citação como elemento de género e de argumentação em cartaz sindical,*
Carla Teixeira (FCSH-UNL)
- 15H10-15H30** *Algumas funções da negação no discurso publicitário português, francês e romeno,*
Andreea Teletin (Université Paris 8 e Universidade de Bucareste)
- 15h30-15h50** **Discussão**
- 15H50-16H05** Pausa para café
- 16H05-16H25** *O feminino epistolar – análise do discurso de cartas de mulheres escritoras de meados de século XX,*
Carmen de Jesus Santos (FCSH-UNL)
- 16H25-16H45** *A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar,*
Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta)
- 16H45-17H05** *A polémica: aspectos configuracionais da estrutura dialogal,*
Sónia Valente Rodrigues (Universidade do Porto)
- 17H05-17H30** **Discussão**

Sexta-feira

- 9H55-10h00** Apresentação do poster de Teresa Rei (Universidade de Lisboa),
Palavras aos soluços – A gaguez
- 10H00-10H20** *Entre a sintaxe e o discurso: contributos para uma análise da fragmentaridade em Ontem não te vi em Babilónia de António Lobo Antunes*, Marina Rocha (Universidade do Porto)
- 10H20-10H40** *O plurilinguismo na literatura portuguesa: alguns casos de heteroglossia*, Isabel Simões Marques (Université Paris 8 e FCSH-UNL)
- 10H40-11H00** *Heterogeneidade discursiva e enunciativa no conto Vicente de Miguel Torga*, Maria do Rosário Luís (FCSH-UNL)
- 11h00- 11h20** **Discussão**
- 11H20-11H35** Pausa para café
- 11H35-11H55** « Does younger really equal better? » *Avaliação de estratégias de aprendizagem de vocabulário em inglês como LE no ensino básico*, Mónica Lourenço (Universidade de Coimbra)
- 11H55-12H15** *Anáfora associativa – uma abordagem léxico-discursiva*, Maria Cândida Martins (Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto)
- 12H15-12H35** *O que as metáforas conceptuais nos dizem sobre a dinâmica empresarial*, Paula Órfão (Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Tecnologia e Gestão)
- 12h35-12h55** **Discussão**
- 13H00-14H30** Almoço

- 14H30-14H50** *“Vai ele assim.” a dramatização em enunciados narrativos orais como estratégia discursiva de envolvimento do interlocutor*, Armindo de Moraes (Universidade Aberta)
- 14H50-15H10** *Análise conversacional da conversa virtual*, Rosinda de Carvalho Rodrigues, Escola Secundária Francisco Franco (Madeira)
- 15H10-15H30** *Conversação e organização prototípica da sequência de abertura: a “pergunta-dádiva” Está(s) bom/boa? em português*, Michel Binet (ISSSL-FCSH) e Tiago Freitas (ILTEC-FLUL)
- 15H30-15H50** **Discussão**
- 15H50-16H05** Pausa para café
- 16H05-16H25** *Aproximação ao rotacismo de /S/ pós-nasal nos dialectos ocidentais galegos*, Marcos Garcia (Universidade de Lisboa)
- 16H25-16H45** *Usos do gerúndio no espanhol andino*, Vlastimil Rataj (Universidade de Praga)
- 16H45-17H05** *O tempo no texto*, Paulo Nunes da Silva (Universidade Aberta)
- 17H05-17H25** **Discussão**
- 17H30** **Encerramento – Professor Doutor João Costa – Presidente da Associação Portuguesa de Linguística (APL)**

A concordância sujeito-verbo em construções partitivas no português brasileiro e no português europeu

A presente pesquisa tem como principal objetivo uma análise comparativa entre o Português Brasileiro e o Português Europeu com relação ao estabelecimento ou não da concordância morfológicamente visível entre sujeito e verbo em frases declarativas finitas cujo DP sujeito é formado por expressões partitivas, conforme verificado em: (i) A maioria **dos alunos fizeram** o trabalho; (ii) Uma parte **dos professores compareceram** à reunião. Como é sabido, tanto na gramática do PB quanto na gramática do PE a concordância se estabelece ora com os DPs [A maioria], [uma parte] ora com o DP modificador subcategorizado pela Preposição do PP incluído no DP sujeito (cf. PERES & MÓIA). Todavia, o que instancia um ou outro tipo de realização morfológica da concordância parece ainda carecer de uma resposta do ponto de vista teórico (cf. RODRIGUES, 2006), razão pela qual a presente investigação se justifica. Para tanto, do ponto de vista metodológico, recorrer-se-á a dados de introspecção, bem como a julgamentos de gramaticalidade de falantes nativos do PB e do PE. Como modelo explicativo para a análise dos dados, serão adotados os pressupostos teóricos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1999) tomando-se como base mais especificamente a *Operação Agree*, a fim de problematizarem-se as noções de *Probe* e *Goal*, bem como os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; EMBICK & NOYER, 2001), mais especificamente a idéia de morfema dissociado, conforme proposta defendida por Costa & Figueiredo Silva (2006) para a variação atestada no PB e no PE.

Próclise, ordem SV(O) e construções V2: o português do Brasil no século 20

Analisaremos, nesta comunicação, a sintaxe de colocação (pré-verbal ou pós-verbal) do clítico *se* correlacionada à ordem do sujeito e à posição do verbo em sentenças finitas no português do Brasil (PB) entre os séculos 19 e 20. Nossa análise terá como base empírica uma amostra de dados extraída de peças de teatro de autores catarinenses (do litoral do estado de Santa Catarina/Brasil) de etnia portuguesa. Nortear-nos-ão as seguintes questões: (1) Qual a distribuição enclítica e proclítica do *se* em sentenças finitas no Português de Santa Catarina nos séculos 19 e 20? (2)a. Quais as propriedades sintáticas no licenciamento da ênclise e da próclise? b. São a ênclise e a próclise licenciadas por uma mesma gramática no curso dos séculos? (3) Há correlação entre a colocação do clítico *se*, a ordem do sujeito e a posição do verbo em sentenças finitas na(s) gramática(s) em questão? Os resultados estatísticos obtidos apontam para um processo de mudança que envolveu o PB (de Santa Catarina) entre os séculos 19 e 20 que correlaciona estes três fenômenos. A análise dos dados sugere que, de um lado, uma gramática vigente no século 19 com construções V1 e que permite variação na ordem do sujeito na estrutura da sentença estaria correlacionada ao licenciamento de *se* enclítico e, de outro lado, uma gramática do século 20 com construções V2 e restrições (sintáticas e semânticas) na ordem do sujeito – com uma ordem SV(O) mais fixa – licenciaria *se* proclítico.

Léxico - Gramática das Frases Fixas do Português Europeu - Construções Intransitivas

Nesta comunicação apresentam-se os principais resultados de um estudo linguístico das frases fixas intransitivas do Português Europeu, mais precisamente as construções verbais fixas com um ou mais complementos preposicionais e sem complementos directos. Trata-se de construções fixas idiomáticas das seguintes classes formais:

- (1) *O João deu à sola*
- (2) *A Maria não chega aos calcanhares da Ana*
- (3) *O Pedro passou de cavalo para burro*

Adoptou-se o quadro teórico e metodológico do Léxico-Gramática (GROSS 1975, 1982, 1989, 1996), baseado na gramática transformacional de operadores (HARRIS 1991). Estas construções foram sistematicamente recenseadas a partir de diversas fontes: dicionários de língua gerais e especializados em expressões idiomáticas, *corpora*, *internet* e por introspecção. Procedeu-se, então, à sua classificação formal e à descrição das principais propriedades sintácticas, nomeadamente, propriedades distribucionais, estruturais e transformacionais. A metodologia do Léxico-Gramática implica um estudo sistemático da forma como as propriedades linguísticas se manifestam no léxico: apesar de se observarem grandes regularidades, verificam-se restrições idiossincráticas, dependentes do material lexical presente numa dada expressão fixa; tal obriga a uma descrição *caso-a-caso* das propriedades das frases fixas, método que não é distinto do que se verificou necessário adoptar para a descrição das frases ditas 'livres'. Apresenta-se ainda os resultados de uma experiência de aplicação de (parte destes) recursos lexicais ao corpus do CETEMPúblico, adoptando uma metodologia de intersecção de matrizes lexicais com transdutores de estados finitos, com o objectivo de detectar as principais vantagens e limitações deste tipo de método de representação lexical.

Dos géneros às práticas textuais: algumas considerações à luz da dimensão composicional dos textos

Estando as actividades sociais estreitamente vinculadas às actividades comunicativas, em qualquer tempo e espaço determinados, os textos, na qualidade de objectos empíricos, reflectem as condições próprias da sua conjuntura de produção e de circulação.

É precisamente no âmbito dessa conjuntura que importa reconhecer o carácter funcional e preponderante dos géneros textuais na constituição das práticas linguísticas, traduzidas, em primeira instância, em *práticas de texto*. Por conseguinte, pretende-se desenvolver uma linha de reflexão que, assumindo como interdependente as categorias *texto* e *género*, vise abordar as questões genéricas de dois pólos:

a) do género como espaço de convergência das regularidades presentes nos textos empíricos efectivamente atestados;

b) do género enquanto plataforma para a prática textual, no sentido em que, do ponto de vista da abordagem sócio-discursiva de Bronckart, ele funciona como ‘formato’ das / para as interacções linguísticas.

Por outro lado, e porque a interdependência destas categorias não exclui a necessidade teórica e metodológica de as diferenciar, serão abordados alguns aspectos das questões composicionais associadas aos textos e aos géneros e que serão tratadas, respectivamente, como questões de *composicionalidade textual e genérica*.

A distinção terminológica fará sentido se considerarmos a hipótese de que o problema da composicionalidade textual possa ser, em primeira instância, um problema de género; que, na sequência disso, faça sentido distinguir composicionalidade textual e genérica e que esta distinção seja útil no trabalho de análise dos géneros – no caso que nos interessa, o *anúncio publicitário*.

O espaço-branco como elemento semiográfico e seu papel na construção textual

Existem várias teorias que permitem analisar o texto como objecto empírico, e assim, dar conta da sua riqueza e complexidade. Na bibliografia especializada aparecem sobretudo elementos que caracterizam a vertente verbal do texto – podemos referir nesse sentido os trabalhos de Bronckart, de Adam e de Rastier – e que omitem ou apenas mencionam a vertente semiográfica.

Observando textos pertencendo ao discurso literário contemporâneo, é possível notar que a vertente semiográfica, em conjunto com a vertente verbal, desempenha um papel fundamental na construção textual e que, muitos processos ligados à construção textual – construção de sentido estão directamente relacionados com a presença de elementos semiográficos.

Esta comunicação pretende apresentar a noção de *espaço-branco* e dar conta do papel deste elemento semiográfico na construção textual. A necessidade de caracterizar esta noção surgiu da própria experiência como leitora de algumas obras literárias portuguesas contemporâneas da segunda metade do século XX. Os textos, nos quais observamos a presença deste elemento semiográfico, constroem-se através de um processo ambivalente de construção-desconstrução. Isto porque o *espaço-branco* desempenha um papel particular no texto, visto poder representar não só a ausência – como se poderia pensar numa primeira abordagem – mas também a presença de algo não dito ou de algo a ser dito pelo leitor. Para tal, depois da definição do *espaço-branco*, serão observadas algumas das suas manifestações em exemplos tirados de duas obras – uma de Maria Gabriela Llansol e outra de Rui Nunes.

A presença do *discurso interativo* no gênero textual *cartoon*

De acordo com o modelo do interacionismo sóciodiscursivo (ISD), quando um agente se depara com uma dada situação de ação de linguagem, ele realiza uma série de operações psicológicas relativas à mobilização de representações a respeito dos mundos (físico, social e subjetivo) o que será feito em dois sentidos: como *contexto de produção* textual e como *conteúdo temático*. Essas operações determinam não só a escolha do gênero como, conseqüentemente, os aspectos que compreendem a produção textual, desde a situação comunicativa em que texto se realiza até aos elementos que o compõem, permitindo, inclusive, entender a freqüência ou ausência de determinados elementos lingüísticos na constituição dos textos. Partindo dessa idéia, propomos, como tema desse trabalho, mostrar a presença do discurso interativo no gênero textual *cartoon*. Sendo os factores icônicos e semiográficos parte constitutiva desse gênero, ao proceder à sua análise, é necessário, também, relacionar a interação entre o sistema lingüístico e outros sistemas semióticos em presença, vinculando essa relação a construção dos mundos discursivos e ao papel que a linguagem não-verbal têm na semiotização desses mundos.

O papel da plataforma geradora na organização textual dos gêneros persuasivos

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância, dentro da organização textual dos gêneros persuasivos, de um centro desencadeador de relações argumentativas, por mim denominado *plataforma geradora*. Considerando que o texto apresenta, intrinsecamente, uma *vertente externa* (discursiva) e uma *vertente interna* (lingüístico-textual), enfatizo, a partir de uma metodologia descendente de análise, a relevância de questões de ordem metatextual (*vertente externa*) na apreensão da PG (*vertente interna*) de gêneros persuasivos com elevado teor de institucionalidade.

Ao pensar que todo texto é uma *unidade comunicativa* e está forçosamente inserido numa atividade de linguagem, mostrarei primeiramente uma grade para a análise da OT de alguns gêneros persuasivos com graus de institucionalidade variados. Em seguida, a partir da análise de alguns textos empíricos, apresentarei a OT de exemplares de dois gêneros persuasivos por mim selecionados: um editorial e uma petição inicial, destacando questões metatextuais neles encontrados. Nas duas etapas, salientarei a importância da *plataforma geradora* na organização textual dos textos em análise.

Tal estudo incidirá em exemplares de textos que circularam em Portugal, no início do ano de 2002. No caso da petição inicial, em especial, deter-me-ei à análise de um dos textos, que circulou durante as Legislativas Portuguesas, no ano mencionado.

Apontamentos sobre a citação como elemento de género e de argumentação em cartaz sindical

A aprovação do novo Regime da Carreira Docente para os Ensinos Básico e Secundário pelo Ministério da Educação português conheceu a maior contestação da última década por parte da docência o que levou a uma conjugação de esforços dos sindicatos e, numa tentativa de visibilidade, à produção de materiais publicitários.

Esta comunicação pretende analisar um desses cartazes sindicais que foi, simultaneamente, usado em manifestações e depois como mupi (expositor publicitário, acrónimo de “mobiliário urbano para informação”) pela cidade de Lisboa e que é composto por duas citações de entidades educativas estrangeiras, reconhecendo e agradecendo o esforço dos professores, e uma da Ministra da Educação Portuguesa, Maria de Lurdes Rodrigues, assumindo a ruptura com a classe docente.

Do ponto de vista do género, será objecto de análise o contributo do género **“citação”** na composição do que se entende como género predominante, no caso, **“cartaz sindical”**.

Relativamente à questão da argumentação, observar-se-á, através do estudo dos exemplos, o modo como o género textual a **“citação”** é um elemento de organização textual e como define a intenção argumentativa final.

Do ponto de vista teórico, será naturalmente considerada relevante a investigação de Bronckart, Ducrot e Maingueneau.

**Algumas fun es da nega o no discurso publicitário
português, francês e romeno**

A publicidade joga com a oposi o entre um mundo onde o produto louvado está ausente e um outro mundo onde esse produto está presente.

Hoje em dia, o discurso publicitário recorre frequentemente   utiliza o da nega o enquanto estratégia argumentativa, prometendo aos seus consumidos-leitores "sensaa es nunca experimentadas", como se pode ver na publicidade portuguesa para  culos Silhouette: *Nunca houve forma mais fácil ou mais confortável de se expressar.*

No entanto, o emprego da nega o num texto publicitário nunca aparece para falar de uma ausência ou para assinalar um defeito do produto; aparece porque os seus efeitos contextuais funcionam melhor do que os dum enunciado positivo. As abordagens e as tipologias lógicas e linguísticas sobre a nega o são várias mas todas aceitam a ideia segundo a qual a nega o supõe sempre um enunciado positivo. Escolhendo utilizar os estudos de Oswald Ducrot (1984) sobre a nega o pol mica mas também os estudos de Robert Martin (1996) e de Henning N lke (1993) sobre o funcionamento da nega o, procuraremos analisar as implicaturas e os pressupostos ocultados pela nega o no discurso publicitário português, francês e romeno.

O feminino epistolar – análise do discurso de cartas de mulheres escritoras de meados do século XX

O nosso trabalho pretende discutir a importância da modalização discursiva, enquanto fenómeno enunciativo-discursivo, para o conhecimento do género textual carta, através do estudo da modalização discursiva nas cartas de escritoras portuguesas de meados do século XX. Serão usados alguns excertos pertencentes ao espólio de Maria Lamas¹.

A análise apoia-se na perspectiva defendida por Robert Vion, segundo o qual: «Les activités (les activités co-construites par les sujets) s'organisent selon deux domaines (...): la relation sociale et interpersonnelle (non-linguistique) d'une part, la relation interlocutive (linguistique) d'autre part» (cf. VION 1996, 1999)

Partindo desta ideia, teremos em consideração diversos modalizadores e seus valores no discurso epistolar; a especificidade da relação dialógica e interlocutiva entre o Emissor e o Destinatário e o funcionamento enunciativo e sócio-histórico presente nos diferentes excertos escolhidos do discurso epistolar. Ao longo do nosso estudo, utilizaremos a expressão modalização discursiva, que se baseia na definição proposta por Menéndez (2005):

«Posições do enunciador-origem face a diferentes tipos de relações que ele estabelece com o seu enunciado (bem como com outros enunciadores, com o interdiscurso e com a instituição a que se encontra vinculado). Essas posições ficam "presas" no enunciado através de marcas explícitas (isto é, linguisticamente preenchidas) ou implícitas» Assim, identificando as marcas explícitas e implícitas que denunciam a modalização, tentaremos delinear uma especificidade da relação dialógica e interlocutiva das entidades discursivas presentes nas cartas.

Finalmente, esboçaremos uma breve caracterização do discurso epistolar de escritoras pertencente à situação sócio-histórica vivida nos anos 30 e 40 do século XX.

¹ O espólio de Maria Lamas encontra-se na Biblioteca Nacional, em Lisboa. Maria Lamas (1893-1983) foi jornalista, escritora e política portuguesa. A sua actividade social e política custou-lhe várias detenções em 1962, tendo vivido exilada em Paris até 1969.

A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar

A análise do texto epistolar reveste-se de uma grande complexidade, a que não é alheio o carácter de confluência disciplinar subjacente à natureza do próprio texto.

A versatilidade do *modus epistolaris*, desta expressão nómada do pensamento, renitente e insubmissa quanto à sua classificação, incita a um entrecruzamento de olhares que são tributários da história da literatura, da epistolografia, da retórica, e de diferentes correntes de análise linguística.

Uma vez definido o objecto da nossa investigação – o discurso epistolar – imperioso se tornou delimitar um enquadramento teórico que possibilitasse uma análise interaccional das rotinas em estudo.

A nossa análise será tributária da linguística, principalmente da Pragmática Linguística, dada a constatação que o domínio epistolar é praticamente inexplorado sobre esta perspectiva e é inequivocamente um terreno privilegiado para a clarificação de determinadas rotinas linguísticas e para equacionar a sua evolução.

Não sendo nosso propósito circunscrevermo-nos a um único modelo, propusemo-nos articular instrumentos teórico-operatórios aplicáveis aos diferentes níveis de análise. Assim, convocámos alguns conceitos da teoria literária (noções de texto e género literários, de paratexto, intertextualidade, polifonia e auto-representação), outros do vasto domínio da teoria da recepção (noção de pacto) e ainda alguns dos mecanismos da análise retórica (modelos estilísticos da expressão, recursos metafóricos, *topoi*), para além da legítima perspectiva da análise pragmática do discurso que se impõe como paradigma do nosso questionamento ontológico. Explicitaremos, então, o novo modelo criado que denominámos AICE - Modelo de Análise Interaccional da Comunicação Epistolar e aplicá-lo-emos à análise de textos epistolares familiares.

A polémica: aspectos configuracionais da estrutura dialogal

Na definição da estrutura dialogal [KERBRAT-ORECCHIONI (1990), ADAM (1992)] consideram-se os seguintes parâmetros: as vozes dos interlocutores respondem-se; as intervenções dos interlocutores sucedem-se numa sequência alternada de réplicas; cada intervenção individual apresenta uma estrutura diafónica, uma vez que retoma as propostas atribuíveis ao seu interlocutor no seu próprio discurso. Estes factores conglobam-se em torno de uma lógica dialogal, segundo a qual, os interlocutores cooperam em ordem à produção de uma unidade perfeitamente identificável, seja de natureza oral, seja de natureza escrita. Neste último caso, na sucessão escrita das intervenções dos interlocutores, está perfeitamente assegurado o encadeamento das sequências textuais a partir de mecanismos como a coesão e a conectividade interdiscursiva, a coerência isotópica e a retoma discursiva.

A análise de uma polémica escrita permitirá examinar os mecanismos linguísticos e discursivos responsáveis pela configuração dialogal global que integra uma estrutura mínima de três textos: um primeiro texto, de natureza polémica, abre a possibilidade de uma situação interlocutiva que fica latente até ao momento da produção do texto de abertura da interacção verbal polémica; este segundo texto assume a dupla natureza reactiva e iniciativa, instaurando o início da interlocução que será efectuada apenas com a reacção/réplica a este texto. Cada um destes três textos monológicos escritos passa a ocupar uma determinada posição (de intervenção iniciativa e/ou reactiva) na interacção verbal global. Fica, assim, instaurado um jogo discursivo extremamente próximo de uma situação interlocutiva, com características próximas das da conversação. De acordo com esta análise, a polémica define-se como texto dialogal escrito.

Palavras aos soluços – A gaguez

Este trabalho propõe-se a tratar de uma alteração de produção de fala conhecida desde há muito tempo por gaguez. Quando ouvimos uma pessoa gaga, o que mais chama a atenção é a forma como pronuncia as palavras. O seu discurso pode ser relativamente fluente até que é interrompido por sílabas que se repetem até conseguir pronunciar por inteiro uma palavra. Estes ‘cortes’ no discurso são designados de bloqueios, que acontecem de forma sistemática na verbalização daquilo que designamos por ‘palavras problemáticas’. São sempre as mesmas, de tal forma que a pessoa gaga evita pronunciá-las, isto é, desenvolve estratégias de forma a substituir essas mesmas palavras por outras de maior facilidade de produção. Estes são os sinais de uma disfunção que implica perturbações na comunicação e na organização do discurso. A gaguez caracteriza-se, em termos mais concretos, por uma hesitação repetitiva e demora na emissão de palavras ou pelo prolongamento ‘anormal’ dos sons. Pelo embaraço que causa, a gaguez surge associada a certos comportamentos motores, como piscar de olhos, tremores dos lábios e face, movimentos respiratórios durante a fala ou mesmo tiques.

Ao longo deste trabalho, pretendo dar conta de fenómenos relacionados com a gaguez, de como a gaguez se manifesta e possíveis tratamentos nas crianças e, por último, pretendo também dar conta da gaguez na fase adulta, referindo também, manifestações e possíveis tratamentos.

Por último, espero que este trabalho aguce a curiosidade do leitor de forma a despertar no mesmo a curiosidade por este problema que se encontra cada vez mais presente entre os jovens e até mesmo nos adultos. Que este trabalho permita ao leitor a entrada no universo de um gago de forma a poder compreendê-lo e a ajuda-lo nas suas situações de comunicação.

Entre a Sintaxe e o Discurso: contributos para uma análise da fragmentaridade em *Ontem Não Te Vi em Babilónia*, de António Lobo Antunes

Nenhum estudo de *Ontem Não Te Vi em Babilónia*, de António Lobo Antunes será capaz de testemunhar a genialidade deste texto a não ser um de natureza linguística.

Reconhecendo como factos: i. a pluralidade de vozes/discursos fragmentados não assumidos; ii. o desenraizamento das categorias deícticas e iii. o ritmo sincopado decorrente de reformulações e elipses verbais que enformam uma ‘sintaxe incompleta’, é lícita a questão: Como encontrar unidade num texto aparentemente desconexo?

Proponho a hipótese seguinte: E se, como toda a assistemática intencional, a fragmentaridade for vector de unidade numa obra que concretiza o ensejo de fazer de relatos nocturnos mimese da desordem da própria vida?

Debruçar-me-ei sobre duas estratégias de fragmentaridade: a reformulação, de índole discursiva e a elipse verbal, de natureza sintáctica.

Ambas estão prefiguradas no conceito de Heterogeneidade (FONSECA:1994), que reconhece na proferição de vozes discursos outros entrosados num contexto enunciativo (DUCROT:1980) de Interdiscursividade (FONSECA:1994). Tal contexto é reconhecível através de mecanismos de *memória discursiva* (deixis ‘am phantasma’) (FONSECA:1992) e de esquemas polifónicos (REYES:1984).

Demarcando-se da tradição narratológica, as personagens assumem-se narradores, responsabilizando-se por reformulações² que, inesperadamente, asseguram a manutenção de cadeias de referência e de isotopias enunciativas, fazendo progredir a narrativa sempre ancorada em coordenadas temporais.

² **Um exemplo:** ‘Há muitos anos em Lisboa, lá ando eu com os meus escrúpulos incapaz de decidir, um pintor, um escultor e se calhar nem pintor nem escultor, outro emprego, veterinário, compositor, não te atrasas aqui, segue sempre, o veterinário ou compositor não num prédio, na rua a pistola que não supunha tão pesada e o gatilho tão preso, o veterinário (ou compositor ou pintor ou escultor),’ (p.301); ‘limpava-se com os (não posso chamar lenços àquilo) limpavam-se com os lenços’ (p.427).

Às personagens reserva-se igualmente o ‘direito’ de contrariar a sintaxe da frase simples em Português Europeu, elidindo certos verbos³ (MATOS:2004), o que revela a possibilidade de aceitar tais elipses e aproximar este(s) discurso(s) de um registo consentâneo com o intuito mimético da(s) narração(ões).

³**Apenas uma ilustração; em primeiro lugar, transcrevo *ipsis verbis* o texto da obra antuniana em análise;a seguir, em parênteses rectos, recupero aquilo que podem ser os verbos elididos:** ‘A senhora o meu nome’ (p.15); ‘Depositou o coelho ou o urso à cabeceira da lápide onde os vizinhos flores, as pupilas do bicho um par de contas’ (p.198); ‘Se calhar a filha dado que todos nós filhos, todos vírgula, eu não’ (p.331).

‘A senhora [chamou, disse] o meu nome’ (p.15); ‘Depositou o coelho ou o urso à cabeceira da lápide onde os vizinhos [punham, colocavam] flores, as pupilas do bicho [pareciam] um par de contas’ (p.198); ‘se calhar [era] a filha dado que todos nós [temos] filhos, todos vírgula, eu não’ (p.331).

O plurilinguismo na literatura portuguesa: alguns casos de heteroglossia

Segundo Maingueneau (2004), em qualquer processo criativo o escritor tem de escolher a língua que investe a sua obra, uma língua que nunca pode ser *sua*.

Para Bakhtine (1978:186) « Le roman pris comme un tout, c'est un phénomène pluristylistique, plurilingual, plurivocal » ao que Todorov (1981 :89) acrescenta : « Mais le plurilinguisme bakhtinien est complexe et met en cause aussi bien *l'hétéroglossie* ou diversité des langues, *l'hétérophonie* ou diversité des voix, et *l'hétérologie* ou diversité des registres sociaux et des niveaux de langue ».

De facto, os escritores, ao fazerem coabitar várias línguas nos seus romances, visam efeitos de estilo mas também de ritmo. O plurilinguismo insere-se assim no texto e permite analisar os desafios estéticos e ideológicos que lhe são inerentes, observar como as várias línguas do romance reenviam para uma diversidade das representações das linguagens sociais. Esta escolha estratégica, consciente e assumida contribui para a criação de “efeitos de língua” através de um mimetismo reproduzido pelos autores.

O propósito da nossa comunicação será analisar um corpus seleccionado a partir de alguns romances portugueses do século XX. Analisaremos assim quais são as suas configurações linguísticas e quais as suas funções na dinâmica do texto bem como os processos da sua recriação o que nos levará a recorrer a noções ligadas ao contacto das línguas desenvolvidas, entre outros, por Weinreich (1968), Mackey (1976), Hamers & Blanc (1983).

Heterogeneidade discursiva e enunciativa no Conto *Vicente*, de Miguel Torga

De acordo com diferentes correntes que integram a Linguística da Enunciação, o texto é perspectivado como uma entidade dialógica em que ecoam diferentes vozes e não como um produto unificado da responsabilidade de um único enunciador.

É com base nesta concepção que me proponho analisar o conto *Vicente* de Miguel Torga, tendo como objectivo demonstrar que a heterogeneidade se evidencia claramente na construção do universo diegético e na representação dos discursos produzidos pelas várias entidades intervenientes.

Num primeiro momento, vou procurar mostrar que existem profundas relações interdiscursivas com o Livro dos Génesis. Estas relações manifestam-se, quer de forma explícita, quer de forma implícita, a nível dos elementos estruturais da diegese (personagens, tempo, espaço, acção) e do próprio léxico.

Num segundo momento, vou centrar-me na forma como o narrador do conto constrói e introduz o discurso proferido pelas diferentes personagens. Neste âmbito, constata-se, em primeiro lugar, uma oposição entre o silêncio do protagonista, o corvo Vicente, e o dos outros animais que integram a arca e a fala de Deus e a de Noé. Em segundo lugar, verifica-se a presença de diferentes modalidades de discurso relatado: monólogo interior, discurso directo, discurso directo livre e ainda uma citação do versículo 11 do capítulo 7 dos Génesis. Entre estas modalidades destaca-se o monólogo que, neste conto, assume características próximas do discurso directo quando traduz o pensamento de Vicente e características próximas do discurso indirecto livre quando veicula o pensamento dos restantes animais.

Does younger *really* equal better?
**Avaliação de estratégias de aprendizagem de vocabulário em inglês
como LE no ensino básico**

Atendendo ao actual contexto de generalização do ensino do inglês ao 1º ciclo do ensino básico, procurámos, neste estudo, dilucidar o pressuposto de que as crianças mais novas aprendem o vocabulário da língua estrangeira (LE) melhor e mais rapidamente do que as crianças mais velhas. Como amostra, seleccionámos 40 crianças do 3º e do 5º ano que estavam a aprender inglês num ano inicial e que foram submetidas a um teste de memorização de pseudopalavras inglesas. Seguidamente, delimitámos um conjunto de factores capazes de influenciar a aprendizagem de vocabulário por crianças com idades diferenciadas, a saber: a memória fonológica de curto prazo, o conhecimento lexical prévio e os hábitos de leitura. Estes factores foram analisados recorrendo a um teste de repetição de pseudopalavras, uma tarefa de nomeação por confrontação, entrevistas e inquéritos. Os resultados revelaram uma maior dificuldade das crianças mais novas para aprender novas palavras e sequências sonoras típicas do inglês, facto que pode ter sido uma consequência do menor conhecimento lexical que estas possuíam da língua inglesa, da sua menor motivação para a aprendizagem e da menor qualidade das suas representações lexicais e fonológicas. Perante estes dados, seria útil que o ensino inicial de uma LE fosse pautado por contactos reiterados com as novas palavras, pela apresentação do vocabulário tendo em conta os interesses, necessidades e o conhecimento lexical prévio das crianças, de forma a permitir-lhes criar representações mais estáveis de novas palavras, organizar o seu léxico mental e aumentar o seu nível de motivação face à LE.

Maria Cândida Martins

Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto

Anáfora Associativa – uma abordagem léxico-discursiva

Este trabalho, objecto de tese de Mestrado, enquadra-se numa investigação sobre o funcionamento da *Anáfora Associativa*.

O objectivo foi analisar o tipo de termos anafóricos associativos desencadeados por nominais abstractos e nomes com modificadores no lugar de “antecedente”.

O estudo de um *Corpus* permitiu-me concluir que o tipo de N é um factor determinante dado que os nominais abstractos nem sempre podem estabelecer relações *a priori*; as nominalizações deverbais podem ter uma leitura estativa/resultativa ou individual, leituras essas dependentes do contexto linguístico, de informações extralinguísticas e fundamentalmente do tipo de formação do nominal (BRITO & OLIVEIRA, 1995); os nomes com modificadores restringem e acrescentam informação ao N, o que acarreta consequências a nível de termo anafórico.

Considero que muitas das relações são criadas *a posteriori* porque a representação de determinados tipos de nomes não permite *a priori* estabelecer associações que o discurso vai construindo. (MARTINS, 2001).

Esta questão, associada às teses *léxico-estereotípica* (KLEIBER, 2001) e *discursivo-cognitiva* (CHAROLLES, 1991), dividindo léxico e discurso, parece uma comparação entre o significado estático de uma palavra e o seu dinamismo no discurso. Contudo, é no universo discursivo que vão sendo introduzidas novas entidades como se fossem conhecidas. Este é o mecanismo-motor da Anáfora Associativa, fenómeno original e rico, em termos de coerência textual, na medida em que assegura a continuidade articulando-a com a novidade tendo em vista a totalidade de significação. Assim, defendo como proposta a articulação do léxico com o discurso, isto é, uma abordagem **léxico-discursiva**.

O que as metáforas conceptuais nos dizem sobre a dinâmica empresarial

Nesta exposição procuramos apresentar de que forma estão presentes as metáforas conceptuais no discurso empresarial online; para além disto, temos também como objectivo analisar de que modo estas ferramentas cognitivas apresentam e/ou representam a identidade das empresas em causa.

A análise será feita com base no enquadramento teórico da Semântica Cognitiva, cujos principais postulados são a metáfora e a metonímia conceptuais, a relação íntima entre linguagem e experiência, os esquemas imagéticos e as noções de protótipo e polissemia. Abordaremos também, embora de forma breve, a teoria da Integração Conceptual que, enquanto elaboração da metáfora como processo cognitivo, consegue explicar ocorrências de outra forma obscuras.

Reunimos o conjunto de dados que constitui o nosso *corpus* junto dos sites de variadas empresas americanas e alemãs, nomeadamente de ramos como energia, software, telecomunicações, moda e biotecnologia. Os links que normalmente apresentam a denominação “About us”/”Über uns” mereceram especial atenção, uma vez que a informação neles contida apresenta a empresa aos consumidores.

No discurso empresarial analisado, refiram-se as metáforas conceptuais estruturantes deste, nomeadamente aquelas em que a empresa é conceptualizada enquanto “máquina”, “corpo” ou “ser vivo”. A questão da identidade organizacional é igualmente abordada à luz destes processos cognitivos, nomeadamente a forma como ela se manifesta e em que medida estas manifestações identitárias se diferenciam de empresa para empresa.

Este trabalho é parte integrante do estudo realizado no âmbito do Doutoramento em Linguística, em curso, na Universidade de Lisboa (Departamento de Estudos Germanísticos).

“Vai ele assim.” A dramatização em enunciados narrativos orais como estratégia discursiva de envolvimento do interlocutor

No quadro da nossa investigação de doutoramento sobre Enunciados Narrativos produzidos em Situação de Interação Oral, foi possível identificar o recurso ao Discurso Relatado como uma das estratégias discursivas mais produtivas no corpus analisado.

Da análise detalhada de todos os segmentos dialogados recolhidos, pudemos concluir que estes cumprem um papel específico e relevante quer na construção informacional, quer interaccional das unidades textuais narrativas produzidas no decorrer de uma conversação.

A Dramatização – encenação dialogada dos eventos narrados recorrendo às falas dos diferentes personagens – surge como estrategicamente motivada, estando o seu sucesso relacionado com a capacidade do narrador de “tornar presentes” os eventos passados, levando os seus interlocutores a partilhar, como observadores, as mesmas experiências.

Para a construção dos enunciados “citados” e respectiva organização dialogal, o narrador, mais ou menos conscientemente, serve-se de modelos e estratégias comunicativas que caracterizam a comunicação oral real.

É nossa intenção apresentar os resultados da análise de um conjunto de 100 Enunciados Narrativos recolhidos e transcritos a partir do Corpus de Referência do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, procurando dar uma resposta às seguintes questões:

1. Qual o lugar do Discurso Relatado na narrativa produzida em situação de interação oral? Que partes da narrativa surgem normalmente em Discurso Relatado? Com que objectivo?
2. Como é introduzido o Discurso Relatado (quer seja Discurso Directo, quer seja Discurso Indirecto) na Narrativa? Quais as formas mais comuns? Qual o seu valor funcional? Em que medida o Discurso Relatado contribui para a atribuição da responsabilidade pelo dito no texto?
3. Quais as formas a que o narrador recorre para marcar as fronteiras dos enunciados em Discurso Directo e, assim, facilitar a identificação das diferentes vozes presentes?
4. Em que medida o recurso à Dramatização (alicerçada num deslocamento do centro deíctico da conversação para uma espaço e tempo de “presentificação” do ocorrido) pode ser visto como uma estratégia de Envolvimento (TANNEN:1989) do narratário nos eventos relatados e na interpretação pretendida pelo seu narrador?

Análise conversacional da conversa virtual

A conversa virtual aqui considerada é a interação verbal desenvolvida entre dois (ou mais) interlocutores que comunicam num canal de conversação em Rede - o denominado *chat*. Trata-se de uma prática discursiva de natureza dialogal mediada por dispositivos electrónicos que condicionam a construção e imprimem as suas marcas na linearidade textual.

A análise conversacional da conversa virtual compreende dois planos: o primeiro diz respeito a uma chamada gramática conversacional que analisa o processo de construção textual co-produzido em alternância de turnos de fala e a organização global da interação em níveis hierárquicos de unidades dialogais e monologais. O segundo plano encara a natureza da relação interpessoal que se estabelece entre os interactantes, não a natureza dos laços sociais que os ligam, mas o modo como esses laços sociais se exprimem linguisticamente, que marcadores e índices relacionais se manifestam no texto dialogal.

Num terceiro momento far-se-á um quadro síntese das propriedades específicas da conversa virtual, isolando as características que aproximam ou afastam este tipo de interação verbal do texto dialogal co-produzido face-a-face, isto é, em presença física dos interlocutores.

**Conversação e organização prototípica da sequência de abertura:
a "pergunta-dádiva" *Está(s) bom/boa?* em português**

A comunicação que aqui se apresenta ambiciona tornar patente a heurística da *Análise Conversacional* (AC) e o seu poder de descrição e de análise, resultantes da triangulação e articulação de três enfoques disciplinares, respectivamente os da sociologia, da antropologia e da linguística.

O trabalho incide especificamente sobre as convenções comunicativas em português e reconsidera um tema clássico, objecto de uma das famosas lições de AC de Harvey Sacks, *Everyone Has to Lie*, leccionada em 1968, posteriormente transcrita e publicada em 1975: o valor de verdade das respostas dadas pelos falantes à "pergunta" *Está(s) bom/boa?* nas sequências de abertura das trocas conversacionais.

A análise sistemática das funções semânticas e pragmáticas desta "pergunta-dádiva" assenta num corpus de 52 conversas telefónicas.

É feito um estudo da organização hierárquica (intervenções, primeiras e segundas partes de pares adjacentes e actos de linguagem) e preferencial (expectativas e *Face-Threatening Acts*) da sequência conversacional, permitindo abordar os fenómenos de reciprocidade ou de ausência de reciprocidade, de sobreposição e de reciclagem, de ritualização e de semantização, de encadeamentos prototipicamente esperados e marcados como preferenciais. São analisados os traços prosódicos (entoação, duração vocálica, intensidade e velocidade de fala) observados nesse ponto da conversação.

Os diversos fenómenos em estudo serão discutidos de forma concisa, com recurso a quatro exemplos do corpus, dos quais se apresentarão transcrições pormenorizadas e excertos sonoros.

Aproximação ao rotacismo de /S/ pós-nasal nos dialectos ocidentais galegos

Uma das controvérsias na análise da estrutura silábica do Português da Galiza aparece nas sequências de consoante nasal + /S/ tautossilábico (*aviões*: avi[oNs]). Assume-se (Regueira 2002) que /S/ é extrassilábico, uma vez que na variedade galega não existem Coda complexas, e esta sequência só aparece nos plurais das formas terminadas em nasal. Assim mesmo, tradicionalmente considerou-se que nos dialectos galegos não há vogais nasais, mas só perceptivelmente nasalizadas em determinados contextos. O fenómeno do rotacismo pode ajudar-nos a compreender as diferentes soluções que adoptam os falantes dos dialectos ocidentais. Nuns casos, /S/ não é afectado pela regra do rotacismo, já que não está na Coda (senão que é extrassilábico); noutros -aparentemente nos falantes mais conservadores- a regra actua convertendo /S/ em [r]. O que é que acontece nestes casos? Na presente comunicação propõe-se que o segmento nasal ocupe, junto com a vogal, a posição de Núcleo, permitindo assim a /S/ preencher a Coda e ser atingido pela regra do rotacismo.

Usos do gerúndio no espanhol andino

A minha dissertação “*El español andino como producto del contacto con las lenguas quechua y aymara*” pretende fazer uma descrição do espanhol andino, tendo em conta as influências das línguas nativas. O espanhol andino é uma variedade de espanhol desenvolvida na zona andina em contacto com as línguas quechua e aymara e fala-se sobretudo nas serras do Equador, Peru e Bolívia. O espanhol andino sofreu muitas influências destas línguas, especialmente na fonética, no léxico, mas também no plano morfossintático.

Um dos traços típicos do espanhol andino, em que se notam influências das línguas nativas e que vou apresentar nesta comunicação, é o uso peculiar do gerúndio. A perífrase verbal *estar + gerúndio* é usada com preferência em relação ao presente (este também pode ter o significado do pretérito), p. ex. *estoy pudiendo ver, hoy día está siendo*. Também se pode omitir o verbo auxiliar: *las ovejitas también bailando*. A construção *dar + gerúndio* serve para exprimir imperativos atenuados: *dame haciendo el trabajo*. As frases *¿qué haciendo?* e *¿qué diciendo?* significam “¿por que?” ou “¿como?” e correspondem a certas formas de dois verbos interrogativos do quechua, p. ex.: *¿qué haciendo has venido tan temprano?* O gerúndio usa-se também em vez de orações subordinadas, mesmo com significado de anterioridade: *se ha ido comiendo* = “foi-se depois de comer”, com significado condicional: *comer queriendo ca, trabajá* = “se queres comer, trabalha”, ou com significado consecutivo, acompanhado pela partícula *también*: *enfermo estando también, me he d’ir* = “apesar de estar doente, tenho que ir embora”.

O Tempo no texto

O objectivo principal deste trabalho consistiu em determinar se há propriedades temporais e aspectuais que tipicamente caracterizam os quatro tipos de sequências textuais monogeradas que são contempladas na classificação de Adam (1992): sequências de tipo narrativo, descritivo, explicativo e argumentativo.

Com base na tipologia de estados de coisas de Vendler (1967) e no tratamento da informação temporal e aspectual proposto no âmbito da Teoria das Representações Discursivas de Kamp e Reyle (1993), analisámos um conjunto de sequências discursivas. Esta análise incidu num *corpus* constituído por textos reais e contemplou os seguintes elementos:

- classes aspectuais;
- tempos verbais;
- adverbiais temporais;
- conectores que introduzem proposições com valor temporal;
- relações discursivas entre os enunciados.

A investigação realizada permitiu concluir que as sequências de tipo narrativo e descritivo apresentam propriedades temporais e aspectuais que contrastam de um modo muito claro.

Nas sequências de tipo narrativo, são tipicamente representados estados de coisas da classe dos eventos; nelas, estabelecem-se predominantemente relações temporais de sequencialidade entre as situações denotadas. Nas sequências de tipo descritivo, são tipicamente referidas situações estativas que manifestam relações de sobreposição temporal entre si.

Quanto às sequências de tipo explicativo e argumentativo, elas podem apresentar propriedades comuns quer às sequências de tipo narrativo, quer às sequências de tipo descritivo.